

Circula em conjunto com: CORREIO PETROPOLITANO E CORREIO SERRANO

Ir às Olimpíadas em Paris de última hora pode custar pelo menos R\$ 16 mil

Por Ivan Finotti (Folhapress)

Se você deixou para a última hora ou se acaba de cair a ficha de que as Olimpíadas de Paris começam em menos de seis meses, não há razão para arrancar os cabelos. Ainda é possível ir à capital francesa, assistir a alguns jogos (apesar de a maioria dos ingressos já ter sido vendida) e pagar preços, é claro, proibitivos para a maioria dos brasileiros.

A reportagem simulou uma viagem de uma semana a Paris nas Olimpíadas e uma pessoa pode gastar cerca de R\$ 16 mil se optar pelos voos, assentos, alimentação e hospedagens mais em conta, sem que essas escolhas transformem necessariamente sua viagem num perrengue --um ingresso para ver uma prova de atletismo está incluso na conta. O evento tem 19 dias de competição e começa 24 de julho.

Começemos pelos ingressos, que são o motivo de tudo isso --ainda que saibamos eles podem ser apenas uma desculpa para visitar a tal da cidade luz num momento em que entre 10 milhões e 15 milhões de visitantes estarão às ruas, fazendo festas e bebericando vinhos e fumando cigarros nas mesas ao ar livre de seus cafés. Muitos dos 2,1 milhões de parisienses, aliás, devem fugir da capital, ofertando suas casas no AirBnb. Os valores a seguir usam a cotação do euro da sexta-feira (2), com preços convertidos para o real de forma aproximada.

Ingressos

Certamente a maior atração dos Jogos Olímpicos são as provas de atletismo, que remetem diretamente aos gregos jogando dardos ou saltando obstáculos há exatos 2.800 anos - registros colocam a data dos primeiros jogos em 776 antes de Cristo, na cidade de Olímpia.

No total, havia cem mil ingressos para assistir dez mil atletas. A maioria está esgotada. Os mais baratos para o atletismo, entre os que ainda estão à



Simulação foi feita com opções mais em conta e inclui passagem, hospedagem, alimentação e ingresso

venda, partem de EUR 170 (R\$ 909). É o preço da sessão ATH07, no dia 5 de agosto, das 10h às 13h15, no estádio Saint Denis, o principal, ao norte de Paris. Haverá provas masculinas e femininas de corridas de 200 e 400 m, com ou sem barreiras, e ainda salto com vara e lançamento de disco.

No mesmo dia e local, mas das 18h30 às 22h, é possível acompanhar a ATH08: corridas de 3.000 (masculina, com obstáculos) e de 5.000 m (feminina) e ainda as finais de 200 m femininas, lançamento de disco (feminina) e o salto com vara masculino. Por haver entrega de medalhas, porém, o preço é mais do que o dobro: as entradas estão partindo de EUR 385 (R\$ 2.060).

Para quem prefere esportes coletivos, é bem mais barato. Seguem aqui dois exemplos para o futebol. Na eliminatória masculina FBL07 (dia 24 de julho, 21h, no Parque dos Príncipes), o tíquete custa EUR 50 (R\$ 267).

Já a final feminina (dia 10 de agosto, às 17h, no Parque dos Príncipes) custa EUR 260 (R\$ 1.390). A masculina não tem ingressos à venda no momento

(mas podem voltar, pois o site dos jogos disponibiliza aos poucos entradas para alguns eventos). O bronze masculino de futebol ainda pode ser assistido por EUR 50 (R\$ 267), mas ele ocorre em Nantes (8 de agosto, às 17h), a quase 400 km da capital.

E quanto às cerimônias de abertura e de encerramento? A primeira (dia 26 de julho, 20h às 23h15), pelo menos, costuma ser acompanhada com interesse pela televisão no mundo todo e essa deverá ser impressionante, pois acontecerá no rio Sena.

Mas é capaz que assisti-la ao vivo agora esteja reservada aos super ricos. Os tíquetes mais baratos (partindo de EUR 90, ou R\$ 481) “não estão disponíveis no momento”, de acordo com aviso no site. Sobrou apenas o mais caro, de EUR 2.700 (R\$ 14.432). Já cerimônia de encerramento (no dia 11 de agosto, das 20h às 23h, no estádio Saint Denis) parte atualmente de EUR 1.100 (R\$ 5.880).

Para comprar ingressos, é necessário se cadastrar no site oficial, www.paris2024.org, e ter um cartão de crédito internacional.

Voos

O preço das passagens parece estar dentro dos valores normais da alta temporada. Por meio de sites como skyscanner.com ou pelo booking.com, por exemplo, é possível encontrar voos saindo do aeroporto de Guarulhos, em São Paulo, para Paris por cerca de EUR 1.000 (R\$ 5.348) pela Ita Airways para quem quer passar duas semanas em Paris, entre o dia 24 de julho e 7 de agosto.

Se a escolha for entre 24 de julho e 31 de julho, parte-se de TAP EUR 1.072 (R\$ 5.732, GotoGate via Skyscanner), EUR 1.081 (R\$ 5.780, Booking) ou direto na TAP por EUR 1.346 (R\$ 7.199). Todas elas têm escalas de algumas poucas horas. Há algumas que pode custar EUR 50 ou EUR 100 (R\$ 267 e R\$ 534) a menos, mas são voos mais longos, com escalas de 15 horas.

Vale reforçar que os tíquetes mudam de preço diariamente.

Hospedagem

Fuja dos hotéis. Segundo reportagem do The New York Times, a rede hoteleira, que tem apenas 85 mil quar-

tos de hotel, quadruplicou seus preços, passando o custo de uma noite de EUR 90 (R\$ 481, simples) e EUR 300 (R\$ 1.603, luxuoso) para EUR 400 (R\$ 2.137) e EUR 1.500 (R\$ 8.000).

Pelo Booking, pode-se encontrar sete dias em um bom hotel por cerca de EUR 3.000 (R\$ 16 mil). Muito melhor parece ser alugar casas de parisienses em fuga.

Pesquisa no AirBnb em Paris, feita na sexta-feira (2) mostra que é possível pagar um quarto para uma semana por cerca de EUR 560 (R\$ 2.995) entre os dias 24 /7 e 31/7. Alguns mais afastados podem custar EUR 423 (R\$ 2.262).

Apartamentos para dois hóspedes, nos mesmos dias, partem de EUR 539 (R\$ 2.882) e chegam a uns EUR 1.400 (R\$ 7.485) para as mesmas datas. É claro que há mais caros, para os mais exigentes.

O que mais?

Ainda está cedo para saber como os donos de cafés e restaurantes vão se portar quando verem 15 milhões de turistas famintos em busca de um steak au poivre, mas num dia normal pode-se gastar EUR 100 (R\$ 535) por dia em Paris, incluindo algum vinho, cafés e chocolates. Talvez seja bom reservar EUR 200 (R\$ 1.070) para os dias olímpicos, ou considerar comer junkie food por menos de EUR 20 (R\$ 107) a refeição. Ou fazer uma mescla, né?

Por fim, afora os custos do táxi de ida e volta para o aeroporto, que podem atingir facilmente os EUR 100 (R\$ 535; cheque opções de trens), é possível ter uma boa experiência (apesar da lotação) usando apenas o metrô de Paris durante as Olimpíadas. Todos os locais de jogos são servidos pela rede, mas atenção: a prefeitura já avisou que vai subir o preço de EUR 2,10 (R\$ 11,23) para EUR 4,40 (R\$ 23,53) neste verão. É claro que há combos semanais mais baratos, basta procurar.

Faltou algo? Ah, sim, entradas para o Louvre (EUR 22 ou R\$ 117), para o Palácio de Versalhes (EUR 28 ou R\$ 150), compra de lembrancinhas, pequeninas torres Eiffel e ímãs de geladeira. Tudo isso, incluindo os museus, vai aumentar a partir de julho.

Conclusão

Dá para uma pessoa passar uma semana em Paris nas Olimpíadas por EUR 3.000 ou R\$ 16 mil, divididos assim: voo de EUR 1.000 (R\$ 5.344), outros EUR 1.000 para comer e beber, hospedagem de EUR 600 (R\$ 3.200), ingresso de atletismo por EUR 170 (R\$ 909) e mais EUR 230 (1.229) para ser feliz com despesas extras. Pena que quem converte não se diverte.

Sumô enfrenta preconceito e falta de patrocínio para ganhar adeptos no Brasil

Por Lucas Bombana (Folhapress)

Esporte milenar de origem japonesa, o sumô ainda é comumente --e erroneamente-- associado a uma luta praticada apenas por pessoas muito acima de seu peso. Enquanto no Japão o sumô é um esporte profissional para os homens, sem categorias nem limite de peso, em que os maiores lutadores realmente acabam levando vantagem contra os adversários, no Brasil e em outros países em que a modalidade é amadora, os atletas competem por divisões.

Luciana Watanabe, 38, campeã brasileira e sul-americana e vice-campeã mundial (2023), por exemplo, atua na divisão dos leves ou dos médios --seu peso costuma oscilar dentro de uma faixa entre 70 e 80 quilos.

Apesar dos troféus em abundância, para financiar as viagens para competir no exterior, ela precisa recorrer às vaquinhas e à venda de rifas, para completar o restante com as próprias economias. “É difícil conseguir visibilidade com o esporte, até por causa do preconceito das pessoas”, afirma.

Além da visão equivocada quanto ao perfil físico necessário para a prática do sumô, a vestimenta usada durante as lutas, chamada de “mawashi”, utilizada para agarrar o oponente, muitas vezes é comparada a uma espécie de fraldão por quem não está tão habituado com o esporte, afirma Tooru Kosaihira, 47, técnico da seleção brasileira. “Esse é um preconceito ainda muito presente no Brasil, mas quase não existe no exterior”, diz o treinador.

“As pessoas têm muito preconceito quanto à roupa do sumô, fazem piadas,



Atleta brasileira Luciana Watanabe (à direita) na final do Mundial de sumô de 2023, em Tóquio

e às vezes quem está começando acaba desistindo por causa de alguns comentários”, afirma Luciana.

Formada em educação física e pedagogia, a lutadora busca fomentar o crescimento da prática por meio de aulas para jovens de escolas públicas. Professora concursada, ela é a idealizadora do projeto “Lutas como forma de educação”, que ensina o sumô em escolas municipais de Suzano e Itaquaquecetuba, na região metropolitana de São Paulo.

“A luta me abriu diversas portas e hoje em dia também é o meu trabalho”. Segundo ela, é nítido o impacto nos alunos, que aprendem a ter mais disciplina e paciência.

Séries e documentários em plataformas de streaming têm contribuído para que, gradualmente, a luta alcance um público maior.

Em outubro de 2019, estreou na Netflix o documentário “Ela Luta Sumô”, sobre a história da lutadora japonesa Hiyori Kon. A produção acompanha a trajetória da jovem desde a infância até a disputa do Mundial amador.

“O sumô feminino vem crescendo no Brasil e é muito respeitado no exterior”, afirma Luciana, que mantém um canal no YouTube em que publica vídeos de lutas e treinos.

Em maio de 2023, mais uma produção apareceu na plataforma de streaming: a série dramática “Santuário do Sumô”, que conta, de maneira bem-humorada, a história de um jovem e rebelde lutador em ascensão no esporte.

Segundo Valéria Dall’Olio, 40, campeã brasileira e a única árbitra internacional da modalidade no país, na esteira das

recentes produções, foi possível notar um aumento no interesse do público em geral pelo esporte. “As pessoas acabam tendo mais conhecimento a respeito do esporte. Em Capão Bonito [município do interior paulista onde ela mora e treina], a quantidade de atletas aumentou”.

Pessoas que já tinham alguma afinidade com a cultura japonesa, mas sem experiência prévia com práticas esportivas, começaram a frequentar as academias para aprender a respeito do sumô, observa o treinador Kosaihira.

O londrinense Rui de Sá Júnior, 29, um dos principais atletas de sumô do Brasil na atualidade --foi campeão brasileiro, sul-americano, pan-americano e vice-campeão mundial (2019)-- conta que, em meados de 2020, chegou a receber o convite de um produtor para participar da série da Netflix.

Na ocasião, a ideia era que a história fosse sobre um lutador de sumô de fora do Japão, que iria ao país oriental em busca de novas experiências. Com a pandemia e o fechamento das fronteiras, os planos mudaram, e os produtores precisaram elaborar um novo enredo, com atores predominantemente japoneses no elenco.

Júnior --que pesa cerca de 180 quilos e compete na categoria dos pesos-pesados-- afirma que, devido à falta de patrocínios, deve ficar afastado dos torneios em 2024.

Com uma dieta de 5.000 calorias diárias em épocas de competição para manter o peso, o lutador sofreu uma lesão muscular no fim do ano passado, quando disputava os World Combat Games, em Riad, na Arábia Saudita. Mesmo já sentindo as dores provocadas pela lesão, o brasileiro conseguiu voltar com um bronze.

No regresso ao Brasil, ele teve de ficar afastado do trabalho na empresa de montagem de tendas de um tio por conta das dores. Com isso, a situação financeira, que já não era confortável, ficou ainda mais apertada.

“A parte financeira é o maior desafio” para os atletas de sumô no Brasil, afirma. Para participar das competições internacionais em 2023, entre elas o Mundial, em Tóquio, além de tirar dinheiro do próprio bolso, Júnior também fez vaquinhas virtuais e vendeu rifas para parentes e amigos. Ele estima que gastou cerca de R\$ 20 mil com as viagens.

“Quem sabe as coisas melhorem para as próximas gerações e eles não tenham tanta dificuldade como a gente teve.”